

Sr. Presidente da Câmara

Sras. e Srs. Membros da Assembleia Municipal

Sra. E Srs. Vereadores

Srs. Presidentes de Junta

Srs. Autarcas

Sras. e Srs. Convidados

Caras amigas e amigos

Esta iniciativa decorre da afirmação de quatro décadas de luta e defesa do dia em que o Povo Português conquistou a Liberdade.

Ao longo dos anos no concelho da Moita e por quase todo o País, o Povo Português querendo ter o seu 25 de Abril bem vivo, querendo para ele a mais distinta referência, querendo ainda senti-lo como eternamente seu, uma vez que o protagonizou como sujeito histórico, o Povo Português, dizia, e as suas organizações populares e representativas vêm promovendo a mais diversificada gama de iniciativas que não só evoquem o 25 de Abril e o que ele representou e representa para as populações e os trabalhadores, como também o projectem em termos de futuro.

Sendo certo que o sentido da evocação é o adequado, não é menos certo que a distância temporal nos permite fazer, hoje, uma análise mais proeminente de uma outra questão: a transmissão de valores, a participação, a vivência democrática, a tenacidade e o sentido de luta que os cidadãos devem desenvolver para alcançar os seus objetivos e a melhoria das suas condições de vida. Esta transmissão de valores claramente dirigida às novas gerações é, em si mesma, um exercício democrático e de progresso e uma manifestação das mais conseguidas da afirmação da cidadania no Portugal moderno.

O exemplo do 25 de Abril dá-nos referências de grande exaltação e relevo para todos quantos pela sua luta, pelos seus sacrifícios e pela exemplar

determinação em derrotar a opressão e o fascismo, tornaram possível a instauração da Democracia em Portugal e a devolução da dignidade ao Povo Português.

Não esquecemos que entre os jovens portugueses há uma carência de conhecimento sobre o significado e importância do 25 de Abril. Este alheamento e desconhecimento radica, em boa parte, na forma como tem sido desvalorizado pelos sucessivos governos no *sistema de ensino*, a história de todo este processo revolucionário.

Para além da nossa labuta diária e dos nossos princípios terem sustentabilidade e coerência nos valores de Abril, insistimos em referir que, tal como os deputados constituintes referiram no preâmbulo da Constituição da República Portuguesa, *“a 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas, coroando a longa resistência do povo português e interpretando os seus sentimentos profundos derrubou o regime fascista. Libertar Portugal da ditadura, da opressão e do colonialismo representou uma transformação revolucionária e o início de uma viragem histórica na sociedade portuguesa”*.

A Revolução de Abril abriu novos horizontes ao Povo e ao País; horizontes de esperança e de confiança num futuro melhor, que era então construído pelas mãos daqueles que durante quarenta e oito anos tinham sido expropriados da sua dignidade e dos seus direitos, pelos trabalhadores que se libertavam da exploração e exigiam uma sociedade nova.

Esse futuro de Abril construiu-se com a instauração das liberdades e de uma democracia que se pretendia plena nas suas dimensões: política, económica, social e cultural. Construiu-se pondo o Estado ao serviço do Povo e do País, garantindo o acesso à educação e à saúde, o direito à segurança social e a uma protecção social digna. Construiu-se com o direito ao emprego, a consagração dos direitos dos trabalhadores e a melhoria significativa das condições de vida da população. Construiu-se com a Reforma Agrária e a

nacionalização dos sectores estratégicos que colocaram as potencialidades do País ao serviço do desenvolvimento e do bem-estar das populações.

A realidade presente é a da destruição de muito do que se construiu e de um retrocesso civilizacional comparável aos dos tempos de antes de 25 de Abril de 1974.

As comemorações de hoje, 40 anos volvidos, não podem esconder a dramática realidade que se vive actualmente em Portugal que é, precisamente, o resultado do abandono desse projecto de sociedade que Abril afirmou. O País que temos hoje é bem o resultado duma crise do capitalismo cuja exploração e concentração da riqueza levaram a que aos pobres já não seja possível sustentar as fortunas dos ricos. Alastra o desemprego e o encerramento de empresas, aumentam as desigualdades, proliferam os baixos salários e pensões, a precariedade laboral atinge mais de dois milhões de trabalhadores apontando aos jovens um caminho de retrocesso social e de emigração semelhante aos anos sessenta do século passado.

Um pouco de todas estas mazelas é visível no nosso concelho apesar do sentimento profundo e a raiz progressista que a nossa população tem do 25 de Abril.

As nossas autarquias e, de uma forma geral, o movimento popular e associativo e as demais instituições democráticas, têm afirmado um forte empenho na consolidação dos valores populares, na afirmação duma raiz e cultura inserida no património e na história do nosso concelho.

Abril respeita a vontade das populações e nós, representantes legítimos da vontade popular, temos por dever e obrigação defender essa vontade defendendo, entre outros:

A autonomia nacional;

A autonomia cultural, social, territorial e financeira das autarquias;

A escola pública e universal;

O serviço nacional de saúde, credível;

Em suma, defender um Estado Social, sustentado no Serviço Público, combatendo a fobia privatizadora, atual e passada.

Assim daremos um significativo contributo para colocar o “Abril de Novo” na agenda dos caminhos da modernidade em Portugal.

Nos dias de hoje, alguns referem que comemorar Abril tem um caráter saudosista.

Não é saudosismo.

Não é evocar, por evocar.

Não é comemorar, por comemorar.

É manter bem viva e bem acesa a chama da Liberdade e da Democracia Política, da Democracia Social e da Democracia Económica.

É afirmar que continuaremos a resistir sempre e, nunca, nunca desistiremos dos princípios e dos direitos conquistados com o 25 de Abril de 1974.

Viva o 25 de Abril

Viva o Povo e o Município da Moita